



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

“ESCRITO POR UM BRASILEIRO”: IDENTIDADE NACIONAL, MITO E ARQUIVO NO ROMANCE D’A PEDRA DO REINO, DE ARIANO SUASSUNA

Renailda Ferreira Cazumbá⁶³⁵
(UESB)

RESUMO

Pretende-se analisar o *Romance d’ A pedra do Reino e Príncipe do sangue do vai-e volta* como uma “ficção do arquivo” (ECHEVARRÍA, 2004). A teoria do arquivo, adotada no trabalho, conduz a uma análise coerente dos romances produzidos na América Latina até a década de 1960, quando novos paradigmas formais e discursivos foram lançados para a produção ficcional. No romance em questão a ficcionalização da autobiografia do narrador se mescla a um “arquivo” dos relatos e crônicas de construção da nacionalidade brasileira, por meio de processo narrativo autoconsciente. Indaga-se no texto: O *Romance d’A Pedra do Reino* seria apenas mais um romance sobre o Brasil? Ou seria um “arquivo” de “possibilidades narrativas” e discursos que ajudaram a construir os mitos e a imagem que temos de nós mesmos?

PALAVRAS-CHAVE: Romance. Arquivo. Identidadenacional.

INTRODUÇÃO

Parte da historiografia literária empenhada em estabelecer uma linha evolutiva do romance latino-americano demonstra que não é tarefa fácil o estabelecimento da história dessa produção, a menos que se delineie a sua singularidade e os traços particulares a caracterizam. Os estudos críticos da produção romanesca do continente têm revelado que esta produção é tão diferenciada e autônoma quanto tem sido também a construção história e social

⁶³⁵Doutoranda Programa de Pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Integrante do grupo de pesquisa Literatura e História Social, na linha Teoria da Literatura e História Literária: novas perspectivas. E-mail: renacazumba@ibest.com.br.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

latino-americana – em que países possuem realidades tão diversas e histórias singulares – e como tal não possui um contorno homogêneo e definido que constitua consenso para quem a analise.

O caso da produção literária brasileira bem pode funcionar como exemplo desta realidade plural, já que o Brasil não pertence ao bloco hispânico da América Latina – aliás, “América Latina” constitui-se um conceito contraditório e fugidio, já que sob um mesmo guarda-chuva terminológico agrega características geopolíticas tão diversas e que nem sempre condiz em muitos aspectos com a realidade histórica de cada um dos seus países. Neste trabalho, inclui-se a discussão sobre a produção de escritor brasileiro, mas com a ressalva de que linguística e historicamente o Brasil, na maioria das análises críticas, não é visto como pertencente ao contexto literário latino-americano.

Neste sentido, a maioria dos analistas da expressão literária do continente tem dado preferência ao estudo do romance com base em “tendências dominantes”, pois estas marcariam o contexto de produção tanto dos países de língua espanhola como do Brasil. Desta forma, algumas tendências têm sido apontadas como características marcantes, dentre as quais, a predominância de uma longa fidelidade ao paradigma realista de representação da paisagem natural e histórica dos países, e talvez a mais marcante dessas “dominantes” seja a busca da definição da nossa identidade nacional (LIMA, 2006). A América Latina sempre estaria empenhada em preencher o espaço que a definição da sua identidade deixava vazio e, este vazio identitário teria atuado como o mote da produção da maioria dos artistas e intelectuais latino-americanos. Os estudos realizados a partir dessas “tendências dominantes” buscaram explicar a evolução do romance latino-americano concentrando-se em demonstrar que embora tenham acontecido variações, tais dominantes se conservaram em longos períodos de nossa produção ficcional nos séculos XIX e XX.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

A interpretação realizada por Flora Sussekind (1984), por exemplo, desconstruiu motivações críticas diversas e revelou que a produção do romance brasileiro teria se estabelecido a partir de uma “longa duração” da ficção naturalista. Demonstrou, também, que a conveniência entre a crítica e a produção literária ficcional teria marcado, no caso isolado do Brasil, um espírito de representação realista da nossa conformação histórica e cultural. Produziu-se, segundo a autora, no sistema literário brasileiro, uma “retórica da identidade nacional” como única solução possível para a criação romanesca.

Roberto Gonzalez Echevarría, no entanto, irá postular em *Mito e arquivo: uma teoría de La narrativa latinoamericana* (2000) a teoria de que o romance moderno e da narrativa latino-americana tiveram as suas origens relacionadas aos discursos da lei do período colonial. O romance moderno derivaria do discurso legal do império espanhol do século XVI, justamente porque teria renunciado a suas origens literárias e afirmado uma imitação a outros tipos de discursos.

Por não ter forma própria, o romance assumiria a forma de um dado documento que tivesse capacidade de postular a verdade – um discurso de poder, porém se colocando num campo oposto a ele. A narrativa latino-americana teria se desenvolvido também como base em discursos de autoridade e legitimidade, e continuaria essa imitação do discurso científico naturalista e evolucionista do século XIX. A antropologia seria o modelo a ser imitado no século XX. Conforme assinala Roberto Echevarría, a análise das relações que a narrativa mantém com outras formas de discurso são mais produtivas para a crítica e historiografia literárias do que um julgamento acrítico que considere a narrativa uma forma autônoma de discurso, que apenas se relaciona com o contexto histórico-social.

A partir dos anos de 1920, porém, auge do denominado “romance da terra”, marcaria o início de uma nova configuração da narrativa latino-americana moderna. O romance teria o discurso da antropologia como base legitimadora e transformaria a história da América Latina em mito, por meio de uma relação



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

análoga àquela que a narrativa nos períodos anteriores manteve com a lei e a ciência. O romance regionalista, ou da terra, segundo o crítico cubano, teria sido o resultado da relação que a ficção latino-americana teria mantido com o discurso antropológico, pelo modo como incorpora os costumes, a língua, a religião, a genealogia e impacto das novas formas de produção nas comunidades tradicionais (2000, p. 215).

Porém, a partir da década de 1960, uma concepção crítica teria fomentado um novo tipo de escritura latino-americana, que Echevarría denominou de “ficção do arquivo”. Tal narrativa recupera as três manifestações anteriores, da lei, da ciência e da antropologia, no entanto, sem negar o seu caráter literário. O romance *Los pasos perdidos* (1953), de Alejo Carpentier, seria uma ficção de arquivo fundadora, segundo Echevarría, um texto em que estão incluídas e analisadas todas as possibilidades narrativas e relatos mestres produzidos acerca da América Latina até o momento de sua publicação.

A busca por todos os relatos sobre a nossa história constituiria, na ficção do arquivo, uma procura pelo início de nossas escrituras, o regresso ao nosso primeiro relato fundador, capaz de nos explicar. Isto para Echevarría constituiria em mais um mito, do qual a narrativa latino-americana não conseguiu ainda produzir uma saída convincente. Essa nova narrativa fundaria um discurso crítico sobre a produção literária anterior, segundo o autor citado e, talvez, tenha vida útil ainda na contemporaneidade, embora seja acompanhada da invenção de outros paradigmas de representação.

Diversas narrativas sobre os acontecimentos decisivos da história do Brasil – conhecidos em qualquer manual escolar de história – serão revisitadas no romance para a composição de um mosaico de versões que o narrador-personagem utilizará para a feitura de um romance. Principalmente, as revoltas e movimentos populares que serão interpretados segundo visões polarizadas dos principais paradigmas políticos do Brasil, de direita ou de esquerda, que



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

motivaram os debates intelectuais de escritores a partir da década de 1960. Tais visões dualistas são mimetizadas pelos duelos políticos e literários de Clemente e Samuel, os principais mentores intelectuais do narrador.

Além de relatos históricos, o romance retoma e cita também vários textos literários anteriormente produzidos na literatura ocidental que se ocuparam da exaltação da nacionalidade, como a *Ilíada*, a *Odisséia* e *Os lusíadas*. Entretanto, todo esse propósito revisionista apresentado no romance faz parte do megalomaniaco desejo do narrador de tornar-se um diascevesta, e também de ser o “Gênio da raça brasileira”, resultado da grande “Obra” que irá escrever, capaz de superar todas as demais que já foram escritas na história literária ocidental.

Porém, a apresentação que faz no texto de relatos sobre os eventos históricos e da ficção brasileira é realizada por meio de uma narração autoconsciente, por um processo autorreflexivo, incomum à maioria dos romances brasileiros até a década de 1970. Na retomada da ficção e dos relatos históricos anteriores sobre o Brasil, o livro apresenta-se “estruturalmente como um mosaico” (MICHELETTI, 2004), pois retoma a memória sobre a formação histórica e cultural do país, devido ao projeto literário do narrador. O discurso sobre o sertão e o sertanejo, tema e *topos* de diversos romances nacionais, como *Os sertões*, de Euclides da Cunha e *O sertanejo*, de José de Alencar, são um dos temas revisitados por Quaderna para a construção de sua obra. Ironicamente, Euclides da Cunha e José de Alencar, apesar de serem considerados seus precursores, segundo o narrador, devem ser revisados e ampliados, pois revelaram a expressão incompleta do heroísmo sertanejo e brasileiro, portanto devem ser superados pela obra que pretende escrever.

Além de fazer ironia ao estatuto que estes autores representam dentro do cânone e do sistema brasileiro, o livro também realiza uma “paródia de instituições” (MICHELETTI, 2004), ironizando o papel que as academias representam no sistema literário como um todo. A paródia às instituições é feita



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

principalmente às academias de Letras – que é representada no romance pela Academia dos Emparedados do Sertão da Paraíba, formada por três únicos membros. A alusão à academia de Letras é paródica no sentido de que provoca a “imitação com distância crítica” (HUTCHEON, 1985, p. 54) e com isso expõe a pretensa seriedade das instituições sob a perspectiva do ridículo e do caricato.

A farta documentação que o narrador reúne no processo constitui-se num “arquivo das possibilidades narrativas” (ECHEVARRÍA, 2000), em que reúne títulos de crônicas e relatos históricos, ensaios, almanaques e romances. A maioria deles versa sobre a história e a identidade cultural do Brasil e foram textos responsáveis pela construção dos mitos de origem que nos constitui como nação, tais como a “História Geral do Brasil”, de Varnhagen, a “História do Brasil”, de Frei Vicente do Salvador, a “História da Civilização”, de Oliveira Lima, o “Compêndio Narrativo do Peregrino da América Latina”, de Nuno Marques Pereira, “Os sertões”, de Euclides da Cunha, e ainda “Memória sobre a Pedra Bonita”, ou “Reino Encantado”, de Antônio Ático de Souza Leite, livro que diversas vezes citado pelo narrador para fazer referência ao episódio histórico da Pedra Bonita, na Paraíba. Da poesia oral e popular nordestina, cita trechos e cordéis “Abecê de Jesuíno Brillhante”; o arquivo reúne, ainda, a citação de grande quantidade de títulos e trechos de obras literárias, principalmente a epopéia *Brasileis: epopéia nacional brasileira*, de Augusto Meira e romances como “Os cangaceiros”, de Carlos Dias Fernandes, “O sertanejo” e “O guarani”, de José de Alencar, “A carne”, de Julio Ribeiro, “Sonho de Gigante”, de J. A. Nogueira. São textos que já falaram sobre o Brasil e que influenciaram o pensamento intelectual brasileiro sobre a nossa formação étnica, cultural, literária e histórico-social.

Já no capítulo de introdução do romance, intitulado de “Pequeno cantar acadêmico a modo de introdução”, o seu astuto narrador, Dom Pedro Dinis Ferreira-Quaderna, nos deixa transparecer sua consciência sobre os processos da construção literária e o conhecimento sobre a natureza mimética do texto ficcional.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Afirma que está preso na cadeia da Vila de Taperoá e, sob esta condição, nos apresenta o seu projeto literário: escrever a grande obra que o tornará “Gênio da Raça Brasileira” e também “Gênio máximo da humanidade”. Para isso cria um gênero novo, um romance/memorial, ou mais precisamente, um “Romance-enigmático de crime e sangue” dirigido a todos os brasileiros e mais precisamente aos magistrados e soldados, que têm o poder de julgar e prender, mas igualmente aos escritores brasileiros por intermédio da Academia Brasileira, denominado por Quaderna de “Supremo Tribunal das Letras”. Grande parte do romance privilegia o discurso da lei – o depoimento que Quaderna dera ao Corregedor é narrado em 394 páginas, isto significa mais da metade do romance. Echevarría afirma haver ainda uma a medição entre a narrativa do arquivo e a Antropologia, através do discurso legal. Em relação a este aspecto, avaliamos que o romance remete-se à lei enquanto um discurso de mediação fundadora: “Como La Ley, el discurso legal es el medio básico para el intercambio de valores, la metáfora de metáforas, la más arcaica de las reglas; tanto la regla actual, por decirlo así, como la más antigua. Esa regla de reglas contiene todas las mediaciones previas, todas las formas de la ley como discurso hegemónico” (ECHEVARRÍA, 2000, p. 239) . Não é em vão que Quaderna irá experimentar das consequências impostas pelo discurso de autoridade que a lei outorga e a partir dele irá rever tanto o seu passado – já que o romance trata de autobiografia ficcional – bem como o passado do Brasil e buscar esclarecer os valores que nos fundaram como nação.

O processo legal em que está envolvido, no entanto, mantém-se aberto e a narrativa fecha-se com a narração do seu delírio de condecoração na Academia Brasileira de Letras. O processo de Quaderna traz um dos aspectos mais produtivos para a compreensão do “discurso ambivalente” (BAKHTIN, 2010) do romance, na relação entre a cultura erudita – letrada e oficial – e a cultura popular, não-oficial. Na batalha verbal entre Quaderna e o Corregedor, sugere-se o aspecto coercitivo e repressor da cultura oficial representada pelo poder do discurso



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

jurídico do Corregedor, que contrasta com as formas populares do riso, da galhofa e da astúcia da cultura popular que são representadas pelo discurso de Quaderna.

O projeto de escrita do romance de Quaderna surgira nas sessões acadêmicas planejadas na “Academia de Letras dos Emparedados do Sertão da Paraíba”, cuja criação foi narrada no folheto XXVII do romance (p. 181-186), denominado de “A Academia e o Gênio Brasileiro Desconhecido”. Tal Academia é composta por três únicos membros: o próprio Quaderna e seus mestres, o professor e advogado Clemente, republicano e de esquerda, e o doutor Samuel, poeta e promotor, monarquista e de direita. Uma das discussões literárias foi narrada no capítulo/folheto XXVIII (p. 187 - 191), denominado “A sessão a Cavalos e Gênio da Raça” e que tiveram como tema as questões principais da teoria literária, especificamente, da narrativa, como o gênero, a técnica e o tema do romance que Quaderna pretendia escrever, elementos que eram discutidos conforme as teses literárias de seus mestres antípodas.

As “teses literárias” demonstravam quanto eram opostas as opiniões de seus membros, que divergiam entre si e sempre se posicionavam sempre contrários às opiniões de Quaderna. O narrador, porém, se aproveitava da “genialidade” dos professores para colher informações sobre literatura e com isso o facilitarem na escrita de sua Obra. As teorias sempre antagônicas dos professores de Quaderna revelavam a coerência que mantinham com as suas teorias de esquerda ou de direita, sempre otimistas em relação ao futuro do Brasil. Em uma dessas discussões, Quaderna e seus mestres travaram um debate sobre qual deveria ser o assunto da “Obra nacional da Raça Brasileira”. Enquanto Samuel, defensor da monarquia portuguesa e intelectual de direita, defendia que o assunto da “obra da raça” deveria versar sobre os feitos dos antepassados, “a raça dos gigantes ibéricos” (p. 192), dos conquistadores que forjaram o Brasil, Clemente, como bom intelectual de esquerda, considerava que a obra da raça não deveria ser um romance, mas um tratado filosófico, uma obra do pensamento, que partisse dos



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

“mitos negros e tapuias” e revelasse a contribuição do povo negro e indígena para a construção do país. Clemente defende que os conceitos de autoria e herói individual tornaram-se ultrapassados e reacionários e, portanto, não refletem os anseios do povo brasileiro. Os mestres apenas concordam em afirmar que o romance não seria um gênero adequado para a composição da obra da raça, pois para Clemente considerava a literatura como algo frívolo, sem seriedade e Samuel, todavia, afirmava que a obra da raça deveria ser escrita em verso, já que o romance é um gênero bastardo.

A atitude de Quaderna em relação a seus mestres, no entanto, era de harmonização entre esses dois pólos ideológicos opostos: entre as teorias de direita de Samuel – branco, monarquista, defensor do sebastianismo ibérico, e as de Clemente – negro e de esquerda, defensor das lutas e causas do “povo”, o narrador se colocava como um conciliador e tentava estabelecer uma síntese entre os dois contrários. Após ouvir de seus mestres que o gênio da raça brasileira deveria ser um Rei ou um revolucionário, e que deveria ser realizada por meio de um banho de sangue que pudesse restaurar a ordem no Brasil, Quaderna demonstra ser contrário a essas posições, afirmando que após ter presenciado três movimentos rebeldes no Brasil não poderia acreditar essa fosse a saída possível na vida real.

O narrador, porém, afirmava que, ao contrário, “na literatura” isso não faria mal a ninguém, conforma a cena que descreve: “[...] A gente escreve como no *Almanaque*: ‘Vinhão doze Cavaleiros, de bandeira à frente, montados em fogosos corcéis, quando soaram doze tiros, e doze corpos rolaram dos cavalos, ensopando de sangue vermelho a poeira da estrada!’ Quando termina, não morreu ninguém, e houve uma cena belíssima, parecida como os romances de José de Alencar e as da *História de Carlos Magno!*” (SUASSUNA, 2004, p. 189. Grifos do autor).

As três teses antagônicas sobre o brilho e o destino da nação reforçam o caráter nacionalista do *Romance da Pedra do Reino*. A busca de conciliação entre os



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

idealismos conflitantes de seus mestres era uma atitude que correspondia – além de sua confessada covardia para assuntos de “matanças e morrências” – ao desejo Quaderna de estabelecer uma síntese conciliadora de representação da nacionalidade, por meio de um apagamento dos aspectos contraditórios que delineiam a definição da nossa conflituosa identidade. Embora não negue os conflitos nacionais, Quaderna afirma a definição de uma identidade única, que seja delineada a partir do amálgama e da síntese das diferenças entre os povos que nos construíram enquanto nação.

A grande obra nacional, segundo Quaderna, deveria reunir todos os nossos mitos, tanto os da mitologia indígena, quando a dos negros e dos brancos, e deveria ser realizada por como escritor como ele, um “descendente moreno de Cabras e Mamelucos, de Caboclos”, (p. 238). A grande “Obra” deveria reunir todos os nossos mitos desde o sebastianista português até o líder negro Zumbi dos Palmares e o profeta Antonio Conselheiro, criando um livro que fosse uma espécie de “*Sertaneida, Nordestíada* ou *Brasiléia*”, (p. 241) e tendo como palco das batalhas o sertão nordestino, único lugar do Brasil capaz de alentar o gênio da raça. Para Echevarría o “arquivo” é um mito moderno, porque tratam da origem de forma temática e textual: “[...] Cien años de soledad refleja, alude ou recuerda mitos de varias tradiciones El Archivo es un mito de mitos” (p. 239). Tal atitude conciliadora das diferenças ressalta os propósitos nacionalistas de Quaderna.

O seu desejo de ver o país reconhecido como um “Reino”, onde ele reinaria como o “gênio máximo da humanidade”, resultado da composição da Obra mais perfeita, mais nova e original que já se escreveu sobre o Brasil. É como se Quaderna apenas enxergasse a possibilidade de contar essa “história” brasileira se precisasse revisar todo o “arquivo” e encontrasse a narrativa única, a mais perfeita sobre o que já foi dito e relatado sobre nós. No discurso de Quaderna, erigem-se mais uma vez a busca pela narrativa primeira e a tentativa de edificação do mito de origem que expliquem a nossa identidade.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Segundo Echevarría, o discurso legal edifica-se também como discurso fundador na narrativa latino-americana, porque nos lembra da ordem primordial. Não podemos, porém, afirmar que o discurso legal signifique apenas a afirmação de mais um mito na *Pedra do Reino* – como regra que estabiliza aos conflitos –, pois outras reverberações discursivas são sugeridas a partir do processo de Quaderna, pelo desnudamento que realiza das relações entre saber e poder intermediadas pelas instituições sociais, enquanto discursos capazes de conduzir os mecanismos de interdição e de controle social (FOUCAULT, 2011).

A partir da narração feita na cadeia, no início do livro, é que temos o conhecimento de seus projetos e aventuras. A narração literária trará os detalhes de seus infortúnios e, como consequência, a defesa no processo. Embora a narração do processo não desestabilize o discurso legal como restaurador da ordem, o coloca como um poder cerceador e punitivo. Sugere também que se pense a posição que a literatura ocupa no rol das instituições de poder e, também, sobre a sua utilidade no contexto atual da sociedade.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. M., *A cultura popular na Idade Média e no renascimento: o contexto de François Rebalais*. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2010.
- ECHEVARRÍA, Roberto González. *Mito y archivo*. Una teoría de la narrativa latinoamericana, 1. ed.. México: Fondo de Cultura Económica, 2000.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2011.
- HUTCHEON, L. *Poética do Pós-Modernismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1985.
- GERALD, Martin: *Journeys through the Labyrinth: Latin American Fiction in the Twentieth Century*. London-New York: Verso, 1989.
- LIMA, Luiz Costa. *Implicações da brasilidade*. Floema Especial - Ano II, n. 2 B, p. 13-22, out. 2006.
- MICHELETTI, Guaraciaba. *Na confluência das formas: estudo da narrativa compósita da A Pedra do Reino, de Ariano Suassuna*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, Departamento de Linguística e Línguas Orientais da Faculdade de Filosofia de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1993.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

- SÜSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, qual romance?* Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.
- SUASSUNA, Ariano. *Romance d' A pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta*. 9ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.
- UREÑA, Pedro Henríquez. *Seis ensayos en busca de nuestra expresión*. Edición de Miguel D. Mena. Pensamiento e creación dominicana e caribeña. www.cielonaranja.com.br /Julio de 2006. Disponível em: <http://humanidades.uprrp.edu>. Acesso em 28/01/2013.